



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

IARA FÉLIX DE SOUSA

**LETRAMENTO VISUAL NO ENSINO DE LIBRAS PARA SURDOS: UMA
PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA VISUAL**

CAMPINA GRANDE - PB
2022

IARA FÉLIX DE SOUSA

**LETRAMENTO VISUAL NO ENSINO DE LIBRAS PARA SURDOS: UMA
PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA VISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso Licenciatura em Letras – Libras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Conceição de Maria Costa Saúde.

CAMPINA GRANDE - PB

2022

S7251

Sousa, Iara Félix de.

Letramento visual no ensino de libras para surdos: uma proposta de sequência didática visual / Iara Félix de Sousa. – Campina Grande, 2022. 35 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Libras) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação: Profa. Dra. Conceição de Maria Costa Saúde".
Referências.

1. Libras. 2. Letramento Visual – Ensino de Libras. 3. Surdos – Ensino de Libras. I. Saúde, Conceição de Maria Costa. II. Título.

CDU 81'221.24(043)

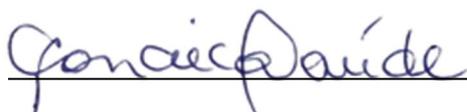
IARA FÉLIX DE SOUSA

**LETRAMENTO VISUAL NO ENSINO DE LIBRAS PARA SURDOS: UMA
PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA VISUAL**

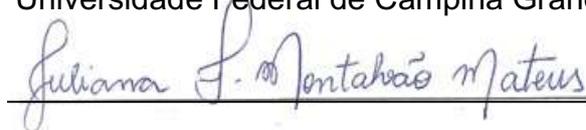
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Letras – Libras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovada em 30 de março de 2022

Banca Examinadora:



Orientadora Prof^ª. Ms. Conceição de Maria Costa Saúde
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Examinadora 1 - Prof^ª. Esp^ª. Juliana Fernandes Montalvão Mateus
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Examinadora 2 - Prof^ª. Ms. Marie Gorett Dantas de Assis e Medeiros Batista
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

CAMPINA GRANDE - PB
2022

*A toda Comunidade Surda de
Campina Grande a qual,
pertença, me orgulho e amo.
Dedico.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu amado Deus, que no decorrer do curso aplanou meu caminho.

Ao curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG por me proporcionar experiências tão ricas.

Aos meus mestres, com quem aprendi lições para vida. (especialmente a minha querida orientadora Conceição Saúde, que desde o primeiro dia de aula me acolheu como quem acolhe uma filha, que acreditou em mim, quando nem eu mesma acreditava e que por vezes rompeu com as convenções da academia, despindo-se dos protocolos e assumindo a posição de amiga. Sem sombras de dúvidas, você foi enviada por Deus para fazer a diferença na minha vida. Te amo, Ceixa.)

Aos amigos e colegas de curso pelo apoio e pela amizade. (especialmente Alessandra Uchôa, Arlinda Menezes, Ayrton Maracajá e Jéssica Martins. Quero vocês por toda minha vida.)

“Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; os caminhos tortuosos serão retificados, e os escabrosos, aplanados” Lucas

3:5

RESUMO

Houve um período na história da educação de surdos que não existia a possibilidade de uma educação pautada na visualidade, nem tão pouco na valorização da identidade surda. Esse cenário foi progredindo no decorrer dos anos, mas ainda há muito o que avançar. Nesta perspectiva, a presente pesquisa consiste no estudo do ensino de Libras para surdos sinalizantes baseada nas concepções do letramento visual, incorporados ao modelo metodológico de uma sequência didática. Sendo assim, buscamos investigar as ferramentas pedagógicas utilizadas na sequência didática, no ensino de Libras como língua materna (L1). Para as etapas de desenvolvimento desta pesquisa foi necessário primeiramente, conceituar o ensino de Libras como L1 alicerçado no letramento visual. Em seguida, expor o conceito de sequência didática e seus recursos pedagógicos e por fim, analisar os recursos pedagógicos utilizados na sequência didática, no ensino de Libras como L1. Introduzimos as bases teóricas que fundamentam esses conceitos e propomos uma sequência didática que contempla as necessidades linguísticas do povo surdo, ancorada no letramento visual, e ainda, analisamos os recursos pedagógicos utilizados na sequência didática. Este trabalho baseou-se em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório partindo de um relato de experiência e uma revisão bibliográfica e documental. Os resultados demonstraram que a utilização de recursos pedagógicos pelos professores em suas aulas favorece no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo pleno dos seus alunos. Quanto aos principais recursos pedagógicos adequados à educação de surdos percebemos, a Língua Brasileira de Sinais e os recursos visuais. Dessa forma, a análise das discussões acerca dos recursos pedagógicos utilizados na sequência didática, nos deu subsídios para depreender que a sequência didática em si é um importante recurso pedagógico a ser empregado na educação de surdos.

Palavras-chave: educação de surdos; língua materna; recursos pedagógicos.

ABSTRACT

There was a period in the history of deaf education that there was no possibility of an education based on visuality, nor in the valorization of deaf identity. This scenario has been progressing over the years, but there is still much to advance. From this perspective, this research consists of the study of the teaching of Libras for deaf signers based on the conceptions of visual literacy, incorporated into the methodological model of a didactic sequence. Thus, we seek to investigate the pedagogical tools used in the didactic sequence, in the teaching of Libras as a native language (L1). For the development stages of this research it was first necessary to conceptualize the teaching of Libras as L1 based on visual literacy. Then, to expose the concept of didactic sequence and its pedagogical resources and finally, to analyze the pedagogical resources used in the didactic sequence, in the teaching of Libras as L1. We introduce the theoretical bases that underpin these concepts and propose a didactic sequence that addresses the linguistic needs of deaf people, anchored in visual literacy, and also analyze the pedagogical resources used in the didactic sequence. This work was based on a qualitative approach of exploratory nature based on an experience report and a literature and document review. The results showed that the use of pedagogical resources by teachers in their classes favors the teaching and learning process, contributing to the full cognitive development of their students. As for the main pedagogical resources suitable for the education of the deaf, we noticed the Brazilian Sign Language and the visual resources. Thus, the analysis of the discussions about the pedagogical resources used in the didactic sequence, gave us subsidies to deduce that the didactic sequence itself is an important pedagogical resource to be used in deaf education.

Keywords: deaf education; mother tongue; pedagogical resources.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O ENSINO DE LIBRAS COMO L1 PARA SURDOS	12
1.1 Aspectos Históricos da Educação de Surdos no Brasil	12
1.2 Letramento Visual e o Surdo	14
2. LETRAMENTO VISUAL INCORPORADO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA	17
2.1 Sequência Didática e seus Recursos Pedagógicos	17
2.2 Sequência Didática Visual: uma Proposta	19
3. METODOLOGIA	26
3.1 Característica da pesquisa	27
3.2 Coleta de dados	27
3.3 Análise de dados	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Houve um período na história da educação de surdos que a visão que predominava era a do surdo como um ser deficiente, o qual precisava ser moldado através de métodos oralistas até se parecer o máximo possível com o ouvinte. Nessa perspectiva não existia a possibilidade de uma educação pautada na visualidade, nem tão pouco na valorização da identidade surda.

Desta forma, compreendendo suas especificidades linguísticas, é perceptível que a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), que não pressupõe qualquer apelo à sua deficiência, pois sua emissão é realizada por meio de sinais, é a língua natural dos surdos. Corroborando com a explanação anterior, Quadros (2019) afirma que a LIBRAS é uma língua emergida naturalmente nas comunidades surdas, de modalidade visuo-gestual.

Logo esse tipo de modalidade utiliza a percepção visual, a qual configura-se como uma habilidade adquirida pelos surdos, sendo assim a visualidade aguçada desses indivíduos pode ser o elo para o ensino de Libras como primeira língua (L1) para surdos sinalizantes. Mas como pôr em prática esse ensino? Uma possibilidade que vem sendo testada há muito tempo é a metodologia de ensino que se baseia na utilização de imagens, e no surdo como ele é, detentor de uma língua gestual visual, a qual lhe oferece condições de expressar sua cultura e identidade.

Atualmente, graças a disseminação da Libras por meio da comunidade surda, as pesquisas acadêmicas, o reconhecimento diante da Lei 10.436/02 e o decreto 5.625/05 (BRASIL,2005), possibilitaram o seu estabelecimento, tornando-a notável e fortalecida, culminando no aprofundamento dos estudos no que diz respeito ao ensino de Libras como L1 (QUADROS, 2019). Nesse cenário há necessidade de refletirmos sobre o papel dos recursos pedagógicos e ainda; quais desses recursos podemos lançar mão para que esse ensino de Libras como L1 possa ser efetivado?

Este trabalho é relevante, visto que, além de favorecer a aprendizagem dos alunos surdos, assiste aos professores que atuam na educação de surdos, os quais necessitam ser capacitados e estimulados a aplicarem o letramento visual para o ensino de Libras como L1 em suas salas de aula.

Nosso trabalho possui uma abordagem qualitativa (TRIVIÑOS, 2010) de cunho bibliográfico, documental e relato de experiência. Teve como objetivo geral investigar as ferramentas pedagógicas utilizadas, na sequência didática, no ensino de Libras como L1. Como base para atingirmos o objetivo geral elencamos três objetivos específicos: conceituar o ensino de Libras como L1 alicerçado no letramento visual; expor o conceito de sequência didática e seus recursos pedagógicos e analisar os recursos pedagógicos utilizados na sequência didática no ensino da Libras como L1.

No que diz respeito ao ensino de Libras como L1, esta pesquisa foi baseada em estudos dos autores: Araújo e Braga (2019), Basso, Strobel e Masutti (2009), Ferreira (2019), Lemos e Peixoto (2020) e Stock e Ortiz (2015). Quanto aos documentos oficiais, deu-se ênfase à observação e ao estudo das leis: nº 4066 17 de agosto de 1993, nº 10.436 de 24 de abril de 2002, nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 e do regimento da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) 2018.

Para embasarmos letramento visual utilizamos as obras dos estudiosos: Andreis-Witkoski e Filietaz (2014), Campello (2008), Ferreira (2019), Lebedeff (2017) e Strobel (2009), por fim fundamentamos sequência didática e seus recursos pedagógicos nos escritos de: Araújo (2013), De Souza e De Godoy Dalcolle (2007), Freitas (2009), Hila (2008), Santos e Belmiro (2013) e Zabala (2015).

Este trabalho está dividido em três capítulos, além desta introdução. Apresentamos, no Capítulo 1, conceitos históricos e centrais no que diz respeito ao ensino de Libras como L1 e referente ao letramento visual e o Surdo. No Capítulo 2, abordaremos os principais conceitos referentes a sequência didática e seus recursos pedagógicos e a proposta de uma sequência didática visual. No

Capítulo 3, são apresentadas as questões metodológicas da pesquisa, as análises dos dados encontrados e por último as considerações finais da pesquisa.

1. O ENSINO DE LIBRAS COMO L1 PARA SURDOS

1.1 Aspectos Históricos da Educação de Surdos no Brasil

Segundo, Araújo e Braga (2019) em artigo publicado na revista Educação e Ensino, periódico que trata sobre a educação em suas múltiplas interfaces com as áreas do conhecimento, em matéria sobre a “história da língua brasileira de sinais”, afirmam que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), surgiu de uma mistura da língua francesa de sinais e gestos usados pelos surdos brasileiros, isso aconteceu por intermédio de um francês, chamado Eduard Huet, ele era surdo e veio ao Brasil a convite de D. Pedro II para fundar a primeira escola de surdos do país, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos¹.

Em 1880, a língua de sinais, no mundo, sofreu um grande enfraquecimento, pois um congresso sobre Educação de Surdos em Milão, na Itália, proibiu o uso das línguas de sinais. Nessa conjuntura acreditava-se que o oralismo era a melhor forma de ensino/aprendizagem para os surdos. Com essa proibição os surdos não deixaram de usar a língua de sinais, mas houve uma perda significativa no que diz respeito a sua educação, visto que a proibição dificultava o desenvolvimento de metodologias para o ensino das línguas de sinais. (STOCK e ORTIZ, 2015).

Após 100 anos de retrocesso, no Brasil, em 1993 houve uma tentativa de regulamentar a língua de sinais brasileira com o Projeto de Lei Federal, em seu art. 1º da PL nº 4066 17 de agosto de 1993. “Fica reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, para fins de atendimento externo nas repartições públicas federais, a linguagem gestual codificada na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.” (BRASIL, 1993, p.01).

¹ Atualmente INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos)

Mas apenas em 2002 é que a Libras foi reconhecida como língua oficial dos surdos brasileiros. “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.” De acordo com o Art. 1º da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002).

De forma exitosa, em 2005 a Libras foi regulamentada. De acordo com Art. 1º do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005: “Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.” (BRASIL, 2005).

Em virtude das adversidades enfrentadas pelos surdos, o ensino de Libras é recente no Brasil. Como podemos constatar em artigo publicado na revista *Linguagem em Foco*, periódico que trata da linguística aplicada, em matéria sobre a Língua Brasileira de Sinais e a formação de professores: “o ensino de Libras, em geral, é bastante recente e há pouco mais de 25 anos que se ensina Libras no Brasil, sendo privilegiado o ensino da língua para os ouvintes.” (LEMOS e PEIXOTO, 2020, p.183).

Nessa perspectiva evidencia-se uma carência em relação a metodologias voltadas para o ensino de Libras como L1, como bem colocam Basso, Strobel e Masutti (2009, p.04):

Estudos sobre a Língua de Sinais (LS) reconhecem a necessidade de os alunos surdos aprenderem esta língua nos diversos contextos de suas vidas, entre eles a escola. Entretanto, ainda não aconteceram mudanças curriculares significativas na Educação Básica.

Ainda quanto a importância da Libras na formação do surdo, Ferreira (2019), acrescenta que, crianças surdas deveriam ser expostas a língua de sinais logo em tenra idade, em locais onde há surdos ou ouvintes fluentes para que a língua seja adquirida naturalmente nas conversações do cotidiano, promovendo o desenvolvimento intelectual dessas crianças.

Nas últimas décadas, as lutas da comunidade surda brasileira pelo reconhecimento da Libras como língua oficial, evidencia a importância dessa língua para desenvolvimento integral do indivíduo surdo.

Através do empenho da coletividade surda, recentemente, os surdos brasileiros tiveram uma importante conquista, o projeto de lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, que tramitava no congresso federal e foi aprovado, concedendo aos surdos sinalizantes o direito de receber educação escolar bilíngue tendo a Libras, como primeira língua, de acordo com o Art. 60-A da PL nº14.191, de 3 de agosto de 2021:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Libras, como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (BRASIL, 2021, p.01).

Como visto anteriormente o ensino de Libras como L1 é algo primordial na vida do surdo, essa metodologia de ensino ainda encontra barreiras no que diz respeito a sua plena aplicação na educação de surdos, contudo são obstáculos que estão sendo transpassados paulatinamente como percebemos no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e na recentíssima lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, como já supracitadas anteriormente.

Percebe-se que há entre os autores Lemos e Peixoto (2020), Basso, Strobel e Masutti (2009) e Ferreira (2019) um incômodo no que diz respeito a escassez de políticas educacionais que propiciem o ensino de Libras como L1 (para surdos). Basso, Strobel e Masutti (2009) e Ferreira (2019) argumentam que os surdos precisam ter contato com a Libras naturalmente nas mais variadas situações de suas vidas para que possam se constituir como seres humanos plenos.

1.2 Letramento Visual e o Surdo

Segundo Campello (2008), a utilização do recurso visual na educação de surdos é algo que já existe há muito tempo, desde o século XVI, quando na Espanha, o Frei Pedro Ponce de León tomou a iniciativa de educar os surdos.

Para isso ele precisou recorrer ao um alfabeto manual, que inicialmente foi desenvolvido pelo monge, Melchor Sánchez de Yebra, mas não para a educação de surdos e sim porque naquela época os monges faziam voto de silêncio e o alfabeto manual era a única forma de comunicação entre eles. Sabendo disso, o Frei Pedro Ponce de León utilizou-se de sinais visuais como ponte no processo de ensino-aprendizagem dos surdos daquela época.

Em meados do século XVII, na Inglaterra, surge a primeira pessoa a propor a educação de surdos baseada na visualidade, tratava-se do médico John Bulwer (1614-1684), ele publicou em 1644 os livros *Chirologia: the natural language of the hand* e *Chironomia: the art of manual rhetoric*. Em 1648, publicou o livro *Philocophus: the deafe and dumbe mans friend*. Em 1649, publicou o livro *Pathomyotomia*.

Um pequeno acervo, contudo, de grande relevância, que posteriormente contribuiu para o aprofundamento dos estudos sobre a educação de surdos. John Bulwer foi um visionário, pois a sua crença de que a comunicação através das mãos é inerente ao ser humano se estabeleceu no decorrer da história da educação de surdos. (ANDREIS-WITKOSKI e FILIETAZ, 2014).

No século XVIII outra figura importante apontada no cenário da educação de surdos foi o Abade Charles Michel de L'Épée. Ao ter contato com surdos, ele conseguiu sentir empatia, compreendendo o forte aspecto visual que esses sujeitos essencialmente carregavam. Essa aceitação o levou a desenvolver metodologias que contemplassem as necessidades visuais dos surdos. Como introduz Strobel, (2009 p.21-22):

O abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789) conheceu duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de gestos, iniciou e manteve contato com os surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris, procurando aprender seu meio de comunicação e levar a efeito os primeiros estudos sérios sobre a língua de sinais, [...] O abade Charles Michel de L'Épée publicou sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos: "A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos", o abade colocou as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado pelo Pablo Bonnet e esta obra foi mais tarde completada com a teoria pelo abade Roch-Ambroise Sicard.

Os feitos do Abade Charles Michel de L'Épée em prol da educação dos surdos foram memoráveis, seus esforços ultrapassaram fronteiras e

beneficiaram para além da comunidade surda francesa. Graças a trajetória de vultos como Frei Pedro Ponce de León, John Bulwer e Abade Charles Michel de L'Epée é que hoje encontra-se subsídios para propor uma pedagogia pautada nas necessidades visuais do povo surdo.

Na busca pelo reconhecimento dos surdos como um povo, Campello (2007) propõe uma “Pedagogia visual”, que em linhas gerais idealiza uma educação que contemple o surdo integralmente como um ser detentor de uma língua, cultura e identidade firmada na visualidade. Para tal pode-se recorrer às artes visuais, comunicação visual, e aos recursos tecnológicos, que de certa forma embasam os propósitos que a “pedagogia visual” pretende alcançar:

Sugere-se a organização de uma pedagogia visual que contemple a elaboração do currículo, didática, disciplina, estratégia, contação de história ou estória, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil das artes visuais, utilização da linguagem de Sign Writing (escrita de sinais) na informática, recursos visuais, sua pedagogia crítica e suas ferramentas e práticas, concepção do mundo através da subjetividade e objetividade com as “experiências visuais” (CAMPELLO,2007, p.129)

Com o aprofundamento dos estudos sobre a importância de explorar as experiências visuais que são parte essencial da pessoa surda, um novo termo surge para designar uma educação de surdos pautada na visualidade, letramento visual, que significa:

Sistematização e, até mesmo, empoderamento de sujeitos que se apropriam das habilidades e técnicas de leitura de imagens, criando deste modo um corpo comum, um universo de significações e um refinamento de leitura próprio dos mais cultos, letrados. (LEBEDEFF et al, 2017, p.23)

Para somar aos estudos de Lebedeff et al (2017), na sua dissertação, Ferreira (2019, p.34), clarifica que o letramento visual gera ações positivas na educação de surdos, uma vez que habilita o utente a descortinar as imagens existentes nos mais diversos contextos em que ele está inserido e, prontamente expressar-se no meio em que vive:

O letramento visual implica a capacidade do usuário de utilizar os elementos visuais de maneira eficaz para a comunicação nas práticas

sociais, culturais e educacionais. Ele está diretamente relacionado ao entendimento da informação visual não apenas como um adorno da informação verbal, mas como um elemento semiótico que agrega sentido ao texto.

Com base nas diferentes abordagens sobre uma educação de surdos ancorada na visualidade, é possível perceber semelhanças nas reflexões dos autores que se debruçam sobre o tema. Campello (2007), Ledebef et al (2017) e Ferreira (2019), preocupam-se com o desenvolvimento de uma metodologia pautada nas experiências visuais surdas que favoreça o progresso intelectual do surdo, tornando-os indivíduos letrados e conseqüentemente autônomos.

2. LETRAMENTO VISUAL INCORPORADO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

2.1 Sequência Didática e seus Recursos Pedagógicos

Segundo Oliveira (2013), o termo sequência didática surgiu na França na década de 80 com o objetivo de transformar o ensino da língua materna em algo mais simples e sequenciado. Essa proposta foi inovadora, porque até então o ensino da língua francesa ancorava-se na fragmentação da gramática, ou seja, cada categoria gramatical era trabalhada separadamente.

De acordo com Dolz et al (2004, p. 97 apud, HILA 2008, p.06). “Sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual”. Araújo (2013, p.322-323), em artigo publicado na revista *Entre palavras*, periódico que trata de Linguística, em matéria sobre sequência didática; afirma que “De modo simples e numa resposta direta, sequência didática é um modo de o professor organizar as atividades de ensino em função de núcleos temáticos e procedimentais.”

Segundo Zabala (2015), sequência didática é um instrumento, que reúne diferentes meios de intervenção pedagógica, que requer necessariamente planejamento, aplicação e avaliação, abarcando um conjunto de atividades sistematizadas para fins educacionais.

As reflexões de Dolz et al (2004), Zabala (2015) e Araújo (2013) associam-se à opinião de Oliveira (2013, p. 53) que reforça o conceito de que sequência

didática é essencialmente a organização de atividades com o intuito de possibilitar o ensino-aprendizagem:

É um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino-aprendizagem.

Com base nas opiniões dos autores, nota-se que a sequência didática é um instrumento completo, que pode e deve ser inserido nos processos de ensino-aprendizagem. Apoiando-se nas abordagens conceituais sobre sequência didática percebe-se semelhanças e sutis diferenças entre os autores citados. Todos são unânimes em afirmar que sequência didática é um conjunto de atividades sistematizada para fins educacionais.

Porém Dolz et al (2004) acrescenta em suas reflexões que a sequência didática deve ser organizada em torno de um gênero textual, enquanto Oliveira (2013) e Zabala (2015) convergem para um ponto comum: que a sequência didática deve ser precedida de um planejamento.

Quanto aos recursos pedagógicos, segundo De Souza e De Godoy Dalcolle (2007), em artigo publicado no I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas” até o século XVI, o professor era exclusivamente um transmissor de conteúdos, o uso de recursos pedagógicos era considerado desnecessário e quando esses recursos eventualmente eram inseridos nas aulas era de uma forma muito incipiente com o objetivo apenas de auxiliar a exposição do conteúdo para que os alunos o memorizassem.

Com o passar do tempo, essa visão limitada sobre os recursos pedagógicos foi se ampliando e hoje, no século XXI, os recursos pedagógicos são componentes indispensáveis do processo de ensino e aprendizagem:

Os recursos didático-pedagógicos são componentes do ambiente educacional estimuladores do educando, facilitando e enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem [...]. Eles auxiliam nas simulações de situações, experimentações, demonstrações. A utilização de sons, imagens e fotos facilita o entendimento, a análise e a interpretação por parte dos estudantes. (SANTOS e BELMINO, 2013, p. 03)

De acordo com Freitas (2009, p. 22), os recursos didáticos, que geralmente são utilizados para fins educacionais, podem ser classificados em: recursos visuais, recursos auditivos e recursos áudio visuais:

Recursos visuais, auditivos ou audiovisuais, ou seja, recursos que podem estimular o estudante por meio da percepção visual, auditiva ou ambas, simultaneamente [...] Muitos deles foram criados exclusivamente para fins pedagógicos, isto é, foram pensados para serem didáticos, para mediar a construção do conhecimento que ocorre no ambiente escolar.

Contudo, vale ressaltar que os recursos auditivos são secundários na educação de surdos; enquanto os recursos visuais são essenciais, pois parte-se do pressuposto que esses recursos propiciam a imagética, que é um elemento facilitador no processo de ensino e aprendizagem das pessoas surdas. De certa forma os recursos supracitados e seus objetivos vão ao encontro de algumas ações estabelecidas pela BNCC que propõe:

Contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas; selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender. (BRASIL, 2018, p.16-17).

Com base na BNCC e nas opiniões de Santos e Belmino (2013) e Freitas (2009), os recursos didáticos são necessários no ambiente escolar, pois além de ter a finalidade de instrumentalizar o professor no processo de ensino, proporciona aos alunos um contato concreto com os conteúdos, enriquecendo o processo de aprendizagem.

2.2 Sequência Didática Visual: uma Proposta

É preciso pontuar de início que nossa proposta de sequência didática visual (doravante SDV) foi inspirada no modelo de sequência didática apresentado no “Curso de extensão em formação de professores para o Ensino de Língua Portuguesa na Educação de Surdos”, coordenado pela professora

Mestra Conceição de Maria Costa Saúde e ministrado por professores convidados, (no período de julho – setembro de 2021).

O curso em questão, foi dividido em dois momentos. No primeiro momento, a coordenadora e os professores introduziram as bases teóricas nos que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa na educação de surdos e o modelo de sequência didática. No segundo momento os extensionistas foram divididos em grupos e de acordo com os conhecimentos adquiridos foram desafiados a elaborarem suas sequências didáticas e apresentarem para a turma.

Embora o modelo apresentado para construção da sequência didática tenha sido com o foco no ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, a experiência nos deu subsídios para elaborarmos nossa própria proposta de sequência didática, porém desta feita com foco no ensino de LIBRAS para surdos.

Segundo Basso, Strobel e Masutti (2009), desenvolver uma metodologia de ensino que contemple o aspecto cultural e linguístico dos surdos, alinhada a uma fundamentação imagética, é desafiador, pois essas particularidades inerentes aos surdos, resultam numa demanda por meios que estabeleçam métodos de planejamento para o ensino de LIBRAS. Porém esses métodos por si só não garantem a aprendizagem, eles carecem estar atrelados aos aspectos criativos que envolvem uma dinâmica de inter-relação entre corpo, espaço e movimento para que haja uma plena construção dos sentidos.

Nessa perspectiva uma possibilidade que poderia minimizar essas demandas seria a proposta de uma SDV, pois partindo do princípio de que a sequência didática é um instrumento, no qual pode ser inserido vários métodos de ensino, um caminho a ser trilhado para alcançar o êxito no ensino e aprendizagem de LIBRAS como L1 seria adicionar à sequência didática elementos visuais, culturais e linguísticos dos surdos sinalizantes. como discorre Campello, (2008, p. 126):

A língua de sinais, como se sabe, é um dos recursos viso gestual e espacial dos Surdos, onde se insere a sua cultura ao mesmo tempo que a produz e a reafirma. Relacionada a esta modalidade de comunicação há a necessidade de se desenvolver materiais educacionais específicos para que o processo de ensinar e aprender se realize satisfatoriamente.

Nesse entendimento podemos inferir que a LIBRAS é um recurso intrinsecamente gestual-visual, sendo assim, os recursos pedagógicos supracitados no subcapítulo anterior corroboram para o desenvolvimento de materiais voltados para um ensino pautado nas necessidades educacionais dos alunos surdos. Contudo, no contexto da educação de surdos, ensinar é uma tarefa complexa, que requer uma ação positiva frente às adversidades.

Isso não significa que no contexto da educação de ouvintes não haja dificuldades, porém a complexidade referida, diz respeito a carência de políticas educacionais que considerem as especificidades desses indivíduos, haja vista que a BNCC não contempla a educação de surdos.

Para arrematar essa discussão, baseada nas concepções do ensino de Libras como L1, do letramento visual e na BNCC (que embora não contemple a educação de surdos, é o documento mais atual que temos para reger a prática educativa), propomos uma SDV, que engloba gêneros verbais e híbridos exibidos basicamente pelos meios digitais, de forma interdisciplinar. Levando em consideração a formação integral da pessoa surda:

Assim, a BNCC propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. (BRASIL, 2018, p.15).

A SDV sugerida, foi elaborada com base no tema “Festa junina: o ser humano como agente social e produtor de cultura”, com ênfase no ensino de Libras como L1, na qual trabalhamos as seguintes disciplinas: Literatura, História, Geografia, Ciências, Matemática e Artes.

A proposta a seguir se aplica a alunos surdos sinalizantes, cursando o 5º ano do ensino fundamental I, na faixa etária entre dez a doze anos com duração de 6 (seis) aulas com 2 (duas) horas cada aula, totalizando 12 (doze) horas/ aula. Para tanto utilizaremos o conto “Conto junino”, que será o texto gerador e a

música “É xote, xaxado, baião, milho verde”, que usaremos como texto motivador.

Nosso principal objetivo é proporcionar aos alunos surdos o avanço linguístico promovendo: o desenvolvimento da “sinalidade”,² para tal, os alunos serão estimulados a desenvolverem a capacidade de participar das interações cotidianas em sala de aula, expondo opiniões nos debates com os colegas e professor; ademais, percepção dos sinais (leitura), inferido pelo contexto o sentido dos sinais ou expressões; e produção sinalizada:

A vivência em leitura a partir de práticas situadas, envolvendo o contato com gêneros escritos e multimodais variados, de importância para a vida escolar, social e cultural dos estudantes [...] corroboram para o desenvolvimento da leitura crítica e para a construção de um percurso criativo e autônomo de aprendizagem da língua. (BRASIL,2018, p. 244).

Por analogia nossa SDV abrange três eixos importantes abordados na BNCC: oralidade, leitura e produção textual, que embora sejam princípios já consagrados na Língua Portuguesa, contemplam todas as línguas, por conseguinte a LIBRAS:

Considerando esse conjunto de princípios e pressupostos, os eixos de integração considerados na BNCC de Língua Portuguesa são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) [...] Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem.(BRASIL, 2018, p.71)

² O termo “sinalidade” foi uma adaptação realizada pelas autoras por se tratar da promoção do desenvolvimento linguístico de alunos surdos que sinalizam e não de alunos ouvintes que oralizam. Para estes alunos ouvintes, a BNCC traz o termo oralidade.

Sendo assim, os termos utilizados na BNCC: oralidade, leitura e produção, na nossa conjuntura substituímos pela nomenclatura equivalente a área de estudo, que corresponde respectivamente a: **sinalidade, percepção de sinais e produção sinalizada**. (BRASIL, 2018, p.71, grifos nossos)

A proposta da SDV traz como premissa dois eixos: a transversalidade e a interdisciplinaridade. No eixo transversal produzimos “O ser humano como agente social e produtor de cultura”. No eixo interdisciplinar, Libras é o destaque, e para arrematar trabalhamos: Literatura, História, Geografia, Ciências, Matemática e Artes.

Para construção da SDV, escolhemos três gêneros textuais: um conto, uma música e uma pequena biografia. Os conteúdos programados para esta proposta de SDV correspondem: Gênero literário: conto; Produção textual sinalizada; A origem das festas juninas; Elementos das festas juninas: lendas juninas, comidas juninas, brincadeiras juninas; A região nordeste; O São João de Campina Grande; O São João de Caruaru; Os elementos da Festa Junina e os cinco sentidos; Dias da semana; Meses do ano e Festa junina e arte: Arte naif.

Os gêneros textuais escolhidos foram interpretados em Libras e registrados em vídeo pela própria pesquisadora; para edição dos vídeos foi utilizado o *CapCut*, que é um aplicativo gratuito para edição vídeo no celular, da *Byte Dance*, empresa dona do TikTok³.

Quanto às vestimentas utilizadas nos vídeos, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)⁴ determina na NBR 15290 que, “a pele e o cabelo do intérprete devem ser contrastantes entre si e entre o fundo. Devem ser evitados fundo e vestimenta em tons próximos ao tom da pele do intérprete.” Logo inferimos que o sensato em ambientes formais é que os intérpretes de Libras usem blusas de cor única.

Porém, no intuito de envolver o leitor (espectador) em um texto que possibilite uma interação entre a narradora (sinalizadora) e o aluno surdo, nos vídeos, houve uma elaboração de cenários imagéticos e o uso de vestimentas

³Acesse: <https://tinyurl.com/2ezrbj6c>

⁴ Acesse: [ABNT NBR 15290](#)

quadriculadas e coloridas. Na edição do vídeo “Conto junino”, optou-se por usar uma camisa quadriculada e o plano de fundo quadriculado com cores contrastantes, optou-se também pela adição de imagens em alguns trechos do vídeo.

Figura 1- Cena do Gênero Conto Junino



Fonte: Imagem retirada do vídeo https://youtu.be/RSTCes7_0iU

No vídeo da música “É xote, xaxado, baião, milho verde”, optou-se por usar uma camisa quadriculada e o plano de fundo com a imagem do Parque do Povo, local onde ocorre a festa junina, na cidade paraibana Campina Grande.

Figura 2- Cena do Gênero Música “É xote, xaxado, baião, milho verde”



Fonte: Imagem retirada do vídeo <https://youtu.be/7Z32eRe-3hw>

No vídeo “Biografia: Militão dos Santos”, optou-se por usar uma blusa que lembrasse o efeito de artes plásticas e a adição de imagens em alguns trechos do vídeo.

Figura 3- Cena do Gênero “Biografia: Militão dos Santos”



Fonte: Imagem retirada do vídeo <https://youtu.be/1ABJWAdIDQc>

Essas edições foram executadas para promover um efeito visual que se conectasse aos gêneros textuais com o objetivo de promover a clareza linguística e visual, além do mais, sintonia identitária para os alunos surdos. Os vídeos estão disponíveis no *Youtube*, no canal da própria investigadora.

Além dos vídeos, foram desenvolvidos três jogos para a SDV. O primeiro diz respeito ao jogo digital chamado “Quiz Conto Junino”. O jogo foi elaborado no *site wordwall* com base no conto junino e pode ser acessado através de tablets, celulares e notebooks.

Figura 4- Quiz Conto Junino



Fonte: Imagem retirada do site <https://wordwall.net/pt/resource/17440490>

O segundo jogo foi baseado numa tradicional ferramenta pedagógica para o ensino ortográfico, o ditado de palavras, porém preparamos uma nova roupagem para essa ferramenta, com a proposta do "Ditado Sinalizado", que consiste em utilizar bexigas coloridas que serão organizadas na lousa, nelas serão inseridas imagens relacionadas ao vídeo "A vida em Libras - Festa Junina" da TV INES.

A turma será dividida em dois grupos: A e B, cada grupo escolhe se quer PAR ou ÍMPAR, definido isso, o aluno virá à lousa e escolherá uma bexiga para estourar. A imagem que estiver na bexiga deverá ser sinalizada para toda turma. Vence a disputa o grupo que acertar mais sinais.

Figura 5- Ditado Sinalizado



Fonte: de autoria própria (2021)

O terceiro jogo trata-se da dinâmica, "Os cinco sentidos". As regras do jogo foram elaboradas em PowerPoint, transformada em PDF, e disponibilizada no Google Drive.

Figura 6- dinâmica 'Os cinco sentidos'



Fonte: Imagem retirada do Google Drive <https://tinyurl.com/sz66ytns>

3. METODOLOGIA

Este trabalho baseou-se em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório com o objetivo de investigar as ferramentas pedagógicas utilizadas, na sequência didática, no ensino de Libras como L1, partindo de uma revisão bibliográfica, documental e relato de experiência.

3.1 Característica da pesquisa

Segundo Prodanov e De Freitas (2013) a natureza da pesquisa científica pode ser de dois tipos: a pesquisa básica, que tem como objetivo gerar novos conhecimentos, tratando de interesses universais, mas sem necessariamente aplicá-los e a pesquisa aplicada que também tem o objetivo de gerar novos conhecimentos, porém conhecimentos que sejam do interesse de apenas uma comunidade específica, além disso essa pesquisa tem o objetivo de solucionar problemas locais e aplicação prática do conhecimentos.

Nessa perspectiva, a pesquisa em questão trata-se de uma pesquisa aplicada, pois visa gerar novos conhecimentos fundamentados em levantamento bibliográfico, documental e relato de experiência, que nos forneceu base para produção de uma sequência didática visual.

3.2 Coleta de dados

Para realizar este estudo, inicialmente foi utilizada a experiência de estágio da pesquisadora. Quando no 7º período do curso de Letras Libras, cursou a disciplina “Estágio de Libras I”, desenvolvido na Escola Estadual de Audiocomunicação Demóstenes Cunha Lima (EDAC), na turma do 5º ano, com alunos na faixa etária entre dez a doze anos, no município de Campina Grande/PB.

A partir da vivência do ensino de LIBRAS como L1, quando foi ministrado o conteúdo “Sinais juninos”, surgiu a ideia de propor uma sequência didática que atendesse às necessidades educacionais daquele público em questão. Em seguida, com a participação da investigadora no “Curso de extensão em

formação de professores para o Ensino de Língua Portuguesa na Educação de Surdos”, as ideias foram amadurecendo, transformando-se numa proposta de sequência didática visual.

Para tal concepção ser materializada foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, o qual consistiu na compilação de artigos, livros, dissertações e teses relacionados ao assunto. Nos materiais selecionados percebeu-se a recorrência de algumas referências, sendo assim, as referências mais citadas nesses trabalhos foram selecionadas e foi feita uma leitura exploratória dos capítulos que frisavam o tema, grifando as partes importantes e fazendo a releitura dessas partes.

Para o levantamento da bibliografia, foram selecionados artigos, dissertações, teses e livros publicados em periódicos nacionais, a partir de 2007, logo, buscamos bibliografia dos últimos quinze anos. A busca pelos textos foi realizada a partir das seguintes palavras-chave: LIBRAS, surdo, letramento visual, sequência didática. De forma predominantemente manual e na base de dados Google Acadêmico.

Na oportunidade, um apanhado de 32 bibliografias fora selecionado, logo após, foi realizada uma leitura criteriosa, selecionando as informações adequadas aos objetivos do estudo. Nessa fase, foram selecionados 8 artigos, 1 dissertação, 1 tese e 7 livros, totalizando 17 das 32 documentações que abordavam o tema da pesquisa.

No que diz respeito aos documentos oficiais, as leis e o decreto compilados, foram selecionadas as principais leis, as quais reconhecem a Libras como língua oficial da comunidade surda brasileira, no portal da câmara dos deputados. A BNCC foi extraída do próprio *site* da Base Nacional Comum Curricular do MEC (Ministério da Educação e Cultura).

Ao todo foram escolhidos cinco documentos oficiais, 3 leis, 1 decreto e 1 regimento. Das literaturas e documentos oficiais selecionados, realizou-se um estudo buscando respostas aos objetivos da pesquisa e, em seguida, uma leitura

interpretativa, na qual foram relacionadas entre si as ideias dos autores e paralelamente foram cruzados os documentos oficiais.

Concluída a fase de compilação dos dados, iniciou-se a escrita da fundamentação teórica que nos deu base para a elaboração da proposta da SDV. vale salientar que embora a ferramenta sequência didática necessita basicamente de três fases para sua efetivação que são: planejamento, aplicação e avaliação, na SDV em questão, apenas a fase de planejamento foi concluída, podendo nas fases subsequentes ser aplicada e avaliada. Sendo assim a pesquisa condiz com os objetivos abordados por Gil, (2008 p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas.

3.3 Análise de dados

A análise desta pesquisa busca compreender o significado dos dados coletados através de uma análise de conteúdo, ou seja, uma análise qualitativa dos documentos.

No processo de elaboração da SDV, foram revelando-se os seguintes recursos pedagógicos: imagens, vídeos, slides, softwares, jogos, ebooks, livros didáticos, internet; desse modo parece lógico afirmar que os recursos encontrados podem ser utilizados pelo professor para auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos sinalizantes.

Concomitantemente, Santos e Belmiro (2013), em artigo publicado no Fórum internacional de pedagogia, afirmam: “Ao longo dos anos vários recursos didáticos como o quadro de giz, o *flipchart*, o projetor de *slides*, o computador, o vídeo e o *datashow*, vêm sendo usados pelo professor para veiculação de suas ideias em sala de aula.” Na mesma linha de argumentação é possível dizer que:

a utilização de recursos pedagógicos pelo professor em suas aulas favorece no processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo pleno. (DE SOUZA e DE GODOY DALCOLLE, 2007).

Quanto à utilização dos recursos supracitados no ensino de Libras como L1, podemos perceber que principalmente os recursos visuais tem um lugar mais expressivo dentro da nossa proposta, pois através deles conseguimos inserir elementos pedagógicos visuais na SDV. Sendo assim, Campello (2009), declara que os métodos e recursos utilizados na educação de surdos estão intrinsecamente relacionados ao uso da visão em vez da audição, pois os surdos concebem o mundo ao seu redor sobretudo por meio da percepção visual.

No que diz respeito ao ambiente idealizado para aplicação da SDV, imaginamos um espaço amplo, no qual os alunos possam participar das dinâmicas, interagindo com o professor e os colegas. Com carteiras arrumadas em semicírculo, com *datashow* e computador a disposição para a exposição das imagens e vídeos.

Outrossim, Freitas (2009), assevera que, no tocante à educação de surdos, nos espaços da sala de aula devem ser dispostos subsídios visuais que propiciem a apreensão dos conhecimentos ministrados, além disso, o aluno deve ser posicionado de modo que possa ver os movimentos e as expressões faciais e corporais do professor e dos colegas.

Em semelhante linha de pensamento, Zabala (2015) confirma que as atividades propostas em sala de aula devem vir acompanhadas por fatores/condições que: permitam a interação entre professor e alunos e alunos com alunos; recursos didáticos; coordenação do tempo das interações e organização espaço da sala de aula para que as intenções educacionais sejam prestadas.

Contudo, o recurso mais essencial na educação de surdos que foi bastante explorado na SDV foi a Língua Brasileira de Sinais, sem a qual não seria possível promover o desenvolvimento integral ao indivíduo surdo. Nessa perspectiva Freitas (2009) ratifica que nesse contexto há a necessidade que a

comunicação entre professor e aluno seja fluida e para isso necessariamente a aquisição da Libras é vital. “Por isso é necessário que as crianças surdas entrem em contato com a LIBRAS o mais precocemente possível para que tenham um desenvolvimento linguístico adequado.” (BASSO, STROBEL E MASUTTI, 2009).

De acordo com o que apresentamos até o momento, há uma notável conexão entre sequência didática e recursos pedagógicos, pois na elaboração da sequência didática indispensavelmente se recorrerá aos recursos pedagógicos e uma vez pronta, a sequência didática transforma-se em um recurso pedagógico, que auxilia o professor na mediação do conhecimento no ambiente escolar, ou seja, tal qual a teoria dos conjuntos em matemática, a Sequência didática contém recursos pedagógicos e ao mesmo tempo está contida nos recursos pedagógicos. Como ilustrado nos diagramas abaixo:

Figura 7- Recursos Pedagógicos



Fonte: de autoria própria (2022)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é relevante, visto que, “se não há materiais em sinais disponíveis, é preciso criá-los, produzi-los em quantidade e variedade para suprir esta falta e formar um acervo de textos sinalizados [...] nos mais variados gêneros discursivos”. (BASSO, STROBEL E MASUTTI, 2009, p. 34).

Desta forma a importância do trabalho consiste em oportunizar a aprendizagem dos alunos surdos, ademais, assiste aos professores que atuam na educação de surdos, os quais necessitam ser capacitados e estimulados a aplicarem o letramento visual para o ensino de Libras como L1 em suas salas de aula. Posto isso, serão capazes de promover um ambiente escolar frutivo e criativo, oportunizando a aprendizagem dos alunos.

Através da revisão de literatura foi possível inferir sobre os resultados encontrados que: os recursos pedagógicos são indispensáveis na práxis de todo educador e que os recursos pedagógicos visuais são ainda mais profícuos, na educação de surdos, além disso, vale ressaltar o destaque da Libras que se configura como o recurso elementar em todo processo de ensino e aprendizagem direcionado para surdos sinalizantes.

Considerando que o trabalho apresentado se trata de uma pesquisa exploratória, na qual introduzimos os fundamentos para propor uma sequência didática visual no ensino de Libras como L1, respaldada no letramento visual, não foi possível aprofundarmos essa problemática, logo, há inúmeras possibilidades de aprofundamento para esse estudo. O tema poderá ser melhor desenvolvido se os pesquisadores que se dedicam ao tema em questão, adotarem uma abordagem qualitativa-quantitativa, na qual a proposta da SDV possa ser aplicada e avaliada.

REFERÊNCIAS

ANDREIS-WITKOSKI, Sílvia; FILIETAZ, Marta Rejane Proença. Educação de surdos em debate. 2014.

ARAÚJO, Denise Lino de. O que é (e como faz) sequência didática? *Entrepalavras*, v. 3, n. 1, p. 322-334, 2013.

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; BRAGA, Aline Cristina Clemente. A HISTÓRIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS. *Revista Educação & Ensino*, v. 3, n. 2, 2019.

BASSO, I. M. S.; STROBEL, K. L.; MASUTTI, M. **Metodologia do ensino de Libras L1**. Curso de Letras Libras. CCE/UFSC - 2009.

BRASIL. PL nº 4066 17 de agosto de 1993. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. PL nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Concedendo aos surdos o direito de receber educação escolar em Libras, como primeira língua.

CAMPELLO, Ana Regina et al. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008.

DE SOUZA, Salete Eduardo; DE GODOY DALCOLLE, Gislaine Aparecida Valadares. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. Arq Mudi. Maringá, PR, v. 11, n. Supl 2, p. 110-114 p, 2007.

FERREIRA, João Batista Neves et al. Letramento visual no ensino de Libras: uma análise de elementos multimodais utilizados por alunos surdos em Apodi-RN. 2019.

FREITAS, Olga Cristina Rocha de. Equipamentos e materiais didáticos. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

HILA, Cláudia Valéria Doná. O procedimento sequência didática como instrumento de ensino no estágio de docência. 2008.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar [et al]. **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2017.

LEMOS, Andréa Michiles; PEIXOTO, Renata Castelo. Língua Brasileira de Sinais e formação de professores: uma análise de conteúdos e estratégias metodológicas no ensino de Libras L1. Revista Linguagem em Foco, Fortaleza (CE), v. 12, n. 1, p. 181-194, 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

REGINA, Ana et al. **Estudos Surdos II**. 2007.

SANTOS, Ovídia Kaliandra Costa; BELMINO, J. F. B. Recursos didáticos: uma melhoria na qualidade da aprendizagem. Fórum internacional de pedagogia, v. 5, 2013.

STOCK, Irene Müllerleily; ORTIZ, Luciano. **A educação dos surdos e a língua de sinais no Brasil**. 2015.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Pesquisa Qualitativa em Educação - O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. 5 ed. 18 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Penso Editora, 2015.